

**Relato histórico, econômico e social do Quilombo de Santa Rita de Barreira,
São Miguel do Guamá, Estado do Pará, Brasil**
**Historical, economic and social report of the Quilombo of Santa Rita de Barreira,
São Miguel do Guamá, Pará State, Brazil**
**Informe histórico, económico y social del Quilombo de Santa Rita de Barreira,
São Miguel do Guamá, Estado de Pará, Brasil**

Recebido: 08/05/2020 | Revisado: 12/05/2020 | Aceito:16/05/2020 | Publicado: 24/05/2020

Ana Célia Barbosa Guedes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4212-2252>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, *Campus* Breves, Brasil

E-mail: anacelia.guedes@ifpa.edu.br

Fabricio Nilo Lima da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6402-0540>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, *Campus* Breves, Brasil

E-mail: fabricio.nilo@ifpa.edu.br

Resumo

O objetivo do presente artigo visa estabelecer um relato histórico, econômico e social do quilombo de Santa Rita de Barreira, situado no município de São Miguel do Guamá, Pará, Brasil. O procedimento metodológico utilizado foi a pesquisa bibliográfica e entrevista semiestruturada para coleta de dados, com os(as) moradores(as) do referido quilombo. A pesquisa revelou que mesmo diante das lutas e resistências para assegurar seu modo de vida quilombola, preservar seus saberes e costumes não há reconhecimento nem visibilidade desse quilombo perante a sociedade Guamaense. Portanto, há necessidade desses povos terem maior visibilidade de forma que a sociedade brasileira possa valorizá-los, pois sua importância para o país transcendem a construção nacional brasileira.

Palavras-chave: Amazônia; História; Quilombo; Cultura; Sociedade; Etnicidade.

Abstract

The objective of this article is to establish a historical, economic and social account of the quilombo of Santa Rita de Barreira, located in the municipality of São Miguel do Guamá, Pará, Brazil. The methodological procedure used was bibliographic research and semi-structured interview for data collection, with the residents of the referred quilombo. The research revealed that even in the face of struggles and resistance to ensure their quilombola way of life, preserving their knowledge and customs, there is no recognition or visibility of this quilombo before Guamaense society. Therefore, there is a need for these peoples to have greater visibility so that Brazilian society can value them, as their importance for the country transcends Brazilian national construction.

Keywords: Amazon; History; Quilombo; Culture; Society; Ethnicity.

Resumen

El objetivo de este artículo es establecer una cuenta histórica, económica y social del quilombo de Santa Rita de Barreira, ubicado en el municipio de São Miguel do Guamá, Pará, Brasil. El procedimiento metodológico utilizado fue la investigación bibliográfica y la entrevista semiestructurada para la recolección de datos, con los residentes del referido quilombo. La investigación reveló que incluso frente a las luchas y la resistencia para garantizar su estilo de vida quilombola, preservando sus conocimientos y costumbres, no hay reconocimiento ni visibilidad de este quilombo ante la sociedad guamaense. Por lo tanto, es necesario que estos pueblos tengan una mayor visibilidad para que la sociedad brasileña pueda valorarlos, ya que su importancia para el país trasciende la construcción nacional brasileña.

Palabras clave: Amazonia; Historia; Quilombo; Cultura; Sociedad, Etnia.

1. Introdução

A partir da concepção de Quilombo, partindo das organizações de comunidades negras rurais e suas trajetórias de lutas. Diversas foram as conquistas dessas comunidades, pela equidade e inclusão cidadã no Brasil que teve grande marco através da Constituição Federal de 1988 (Gomes, 2015; Matos & Eugênio, 2018). Nesse sentido, é possível entender que existem diferentes configurações dessas populações tradicionais (Moura, 2014; Arruti, 2017). Considerando o território de origem, a luta por liberdade, subsistência, terras e território. Ao passo que mesmo havendo denominações singulares, devido às formas de

resistência ao processo escravocrata, observa-se ainda, o processo de construção social por meio da recriação de seu modo de vida (Gomes, 2015).

Nessa perspectiva, foi realizado um apanhado histórico, socioeconômico e cultural no Quilombo de Santa Rita da Barreira, localizado no município de São Miguel do Guamá, estado do Pará, Brasil. Onde, foi possível identificar (Diniz, 2011; Guedes, 2018) de que forma esse povoado se legitimou, enquanto, quilombo e como se dá o processo de visibilidade dessa comunidade perante a sociedade guamaense, partindo da recriação do seu modo de vida e da territorialidade.

A luta dos povos quilombolas em diferentes épocas, portanto, é, indispensável para a compreensão deste trabalho, visto que os lugares e papéis, bem com a situação socioeconômicas que homens e mulheres remanescentes de quilombo enfrentam na sociedade brasileira na contemporaneidade podem ser compreendidos a partir dela. Diante disso, várias pesquisas têm sido desenvolvidas para relatar as diversas formas de lutas dos povos quilombolas em várias regiões brasileiras, tais como: na fuga (Florentino & Amantino, 2012; Gomes, 2015; Almeida & Nunes, 2018), pelo reconhecimento enquanto remanescente de quilombo (Miranda, 2016; Arruti, 2017; Guedes, 2018) e para assegurar sua subsistência, terras, territorialidade, seu modo de vida e ter visibilidade na sociedade brasileira (Fiamengue & Whitaker, 2014; Yabeta & Gomes, 2017; Arêda-Oshai, 2017; Guedes & Salgado, 2018). Contudo, ainda são poucos os estudos relacionados ao histórico, a organização socioeconômico e cultural do quilombo de Santa Rita de Barreira.

Diante do exposto, o objetivo deste artigo é relatar os aspectos histórico, econômico e social do Quilombo de Santa Rita de Barreira, no município de São Miguel do Guamá, Pará, Brasil.

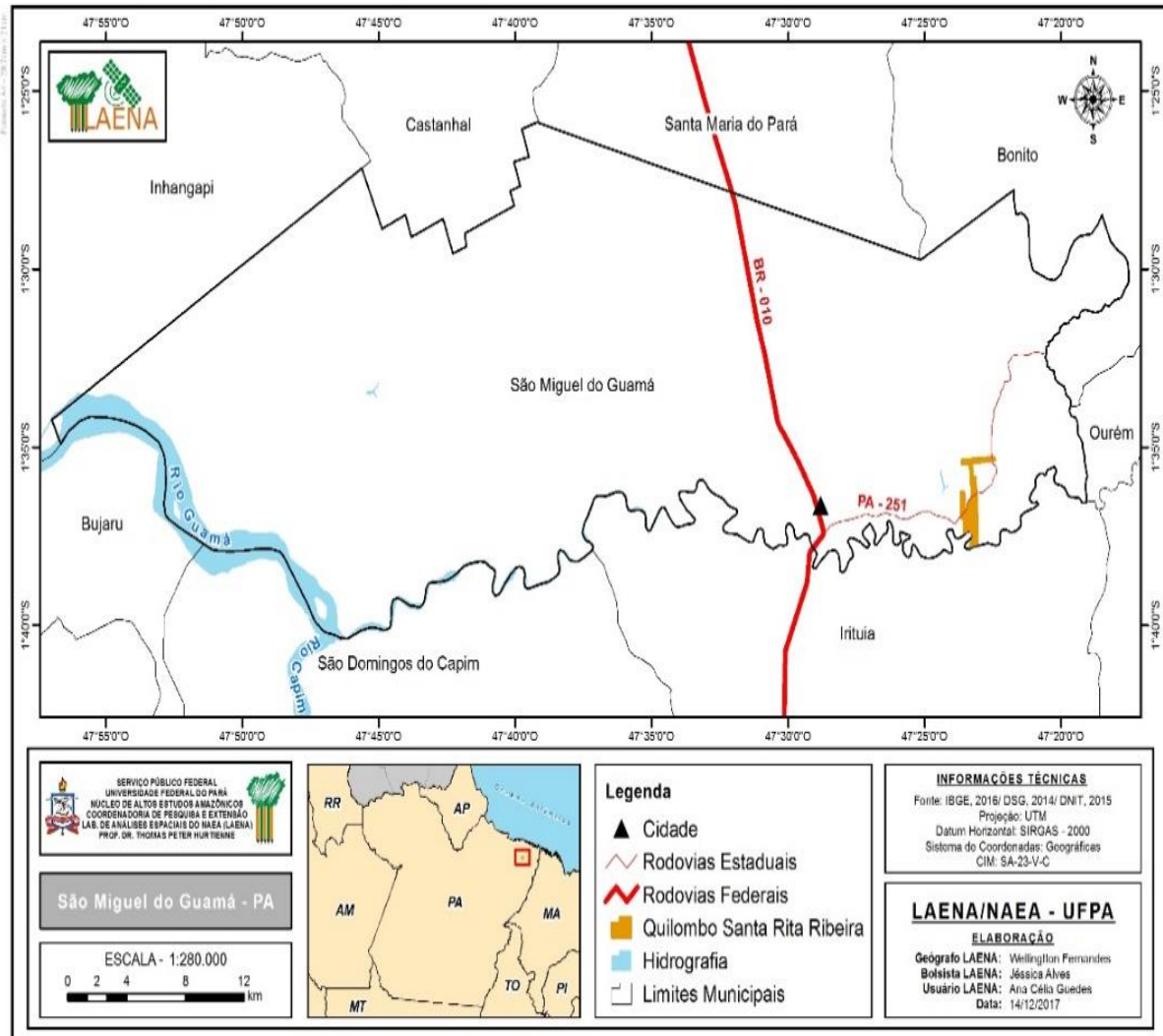
2. Metodologia

2.1 Área de estudo

A pesquisa foi realizada no Quilombo de Santa Rita de Barreira, no município de São Miguel do Guamá, nordeste do estado do Pará, Brasil (Figura 1). O quilombo possui uma área total de 371 ha, e com perímetro de 18.379,51m² (Diniz, 2011). São Miguel do Guamá dista 143 km de Belém, capital do estado. O acesso à ela se dá pelas rodovias federais BR 316-010 (Belém-Brasília) e BR-316 (Pará-Maranhão). Porém, até a década de 1960, o rio Guamá era o principal meio de acesso entre São Miguel do Guamá e os povoados vizinhos, bem como a

outros municípios do Pará (Cordovil, 2010).

Figura 1. Localização do Quilombo de Santa Rita de Barreira, no município de São Miguel.



Fonte: Laboratório de Análises Espaciais do LAENA, Professor Doutor Thomas Hurtienne (2017).

A população de São Miguel do Guamá é de 58.986 habitantes, desse quantitativo menos de 40% residem nas áreas rurais. A maioria, portanto, mora na sede do município (IBGE, 2019), pois muitas pessoas que viviam nas áreas rurais migraram para cidade em busca de trabalho ou após conflitos com fazendeiros da região (Guedes, 2018). A população que vive nas áreas rurais se desloca até a sede do município por estradas (vicinais) ou pelo rio em busca de vários serviços, como educação, saúde entre outros. Uma vez que esses serviços se concentram na cidade, haja vista que nas comunidades rurais, existem apenas postos de

saúdes, com pouca infraestrutura e mão de obra, para atender as pessoas que procuram os serviços de saúde (Guedes, 2018).

2.2 Coleta de dados

O percurso metodológico consistiu na pesquisa qualitativa e quantitativa. A investigação qualitativa requer como atitudes fundamentais a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e interação com o grupo de investigadores e com os atores sociais envolvidos (Mynaio, 2004). Assim, essa pesquisa foi realizada com estudos exploratórios combinando o referencial teórico, análise documental sobre quilombos. Utilizamos bases teóricas sobre quilombo do período colonial e da contemporaneidade, a exemplo de livros, de revistas especializadas, de periódicos, de artigos e dissertações (Almeida, 2011; Diniz, 2011; Gomes, 2015; Guedes & Salgado, 2018; Matos & Eugenio, 2018). O método qualitativo é o ponto de entrada para cientistas sociais que introduzem esquemas interpretativos para a compreensão de crenças, atitudes e valores de determinados grupos sociais (Gaskell, 2008).

Os dados qualitativos e quantitativos, foram coletados entre o período de junho e julho de 2018. Para isso, foi aplicado um questionário e realizado entrevistas com perguntas semiestruturadas com os(as) moradoras(res) do Quilombo de Santa Rita de Barreira. A pesquisa qualitativa gera um volume de dados que precisa ser organizado, interpretado e compreendido. Dessa forma, é um processo contínuo em que se procura identificar categorias, tendências, padrões, relações para desvendar os significados (Moraes, 2017). Esse tipo de pesquisa contribui para mapear e compreender o modo de vida de muitos grupos humanos, assim como para compreensão de crenças e valores de grupos sociais em termos mais conceituais (Gaskell, 2008).

2.3. Considerações éticas

Este trabalho adotou procedimentos éticos, pois visou o respeito aos sujeitos participantes da pesquisa. Assim, obteve-se o consentimento das pessoas que fizeram parte do estudo e suas participações foram voluntárias. Além disso, foi utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o mesmo foi assinado pelo presidente da associação da comunidade e pelos(as) entrevistados(as). Esse documento, solicitava a autorização para a realização dessa pesquisa.

2.4. Análise dos dados

A análise dos dados foi uma das etapas fundamentais dessa pesquisa, trata-se de um dos processos da produção do conhecimento que consistiu em obter sentido dos documentos/entrevistas que foram coletados durante a pesquisa de campo por meio de textos ou imagens e depois foram interpretados para assim chegar mais próximo da realidade (Creswell, 2007).

3. Resultados e Discussões

3.1 Considerações sobre a ideia de Quilombo

A história da América, desde a chegada dos europeus, foi pautada por lutas e resistência por terras e pelo domínio dos recursos naturais. Tais lutas foram organizadas sobretudo pelos povos indígenas e africanos, contra o sistema escravista, a exploração e expropriação do território (Guedes & Salgado, 2018). Esses povos procuraram implementar várias formas de resistência, dentre elas as fugas e formação de quilombos. Vários espaços onde se organizaram e lutaram contra a ordem vigente e por liberdade (Gomes, 2015).

Em cada região da América essas comunidades receberam nomes diferente. No Brasil, por exemplo, foram denominados de Quilombos ou Mocambos, na Venezuela de cumbes, na Colômbia e em Cuba Palenques (Gomes, 2015). Já no Haiti e no Caribe francês Cimarrones, nos Estados Unidos da América e no Suriname Marroon (Carvalho, 1995). Os termos Maroon e Marron deriva do espanhol Cimarrón, nome dado pelos colonizadores aos gados domésticos que fugiam para as montanhas das ilhas espanholas (Carvalho, 1995).

Nesse sentido, em cada país do continente americano se construiu formas de resistência ao sistema escravocrata. Esses movimentos, foram marcados por várias lutas que se caracterizam por sucessos, fracassos, perseguições das autoridades coloniais, traições e atos heroicos (Carvalho, 1995). Em muitos países, os líderes dos Quilombos se tornaram heróis para seu povo, a exemplo, Zumbi dos Palmares que até os dias atuais é visto pelo movimento negro brasileiro como herói. Porém, cada nação possui suas especificidades, ou seja, vê essa forma de resistir a escravidão de formas diferentes.

Em alguns países os Quilombos formaram-se em locais isolados, muitas vezes sem nenhum contato com o resto da colônia. Neles, a população que se formou orgulha-se de seus antepassados que lutaram bravamente, para resistir à escravidão. Como no caso de Suramacá

Djuka e outras comunidades, que existem no Suriname. Nesse país os Quilombos se assemelham as nações africanas possuindo língua, organização política e cultura própria (Carvalho, 1995). Em países como o Brasil, muitos Quilombos não se constituíram isoladamente do resto da colônia, pois apesar dos escravizados buscarem locais distantes e de difícil acesso para formar seus Quilombos. Estes possuíam relações comerciais com o resto da sociedade brasileira, suas relações sociais estavam mais próximo desta que das nações africanas (Yabeta & Gomes, 2013). Além de ser comum a convivência de negros, brancos, pobres e indígenas nos quilombos do Brasil. Porém, em alguns Quilombos, existe uma negação de suas raízes africanas, pois o processo de colonização procurou apagar a história, as memórias e as identidades africanas (Guedes, 2018).

De acordo com Gomes (2015), muitos Quilombos desenvolveram um sistema econômico de produção sofisticado e isso foi fundamental para o crescimento populacional deles. Essa produção era comercializada com povos não quilombolas. Vale ressaltar, que no Brasil durante o período colonial e imperial, o termo Quilombo era usado para designar toda habitação de negros(as) fugidos(as), que passasse de cinco habitantes, ainda que não tivesse rancho levantado nem se achasse pilão nele (Almeida, 2011). Assim, Quilombo nesse período, era o local que abrigassem pessoas negras que haviam fugido do sistema escravista mesmo que em números pequenos e que não existisse nele um pilão. Esse último, demonstrava que tinham condições de sobrevivência no local.

Após a abolição da escravidão no Brasil e a proclamação da república desse país os quilombos foram invisibilizados, pois passaram a ser ignorados tanto pela sociedade brasileira quanto pelas instituições jurídicas, contudo os povos remanescentes de quilombo continuaram existindo e lutando por direitos sociais, políticos e cidadania (Amaral, 2010).

Somente, a partir dos movimentos sociais, da década de 1970, contra a ditadura militar, pela abertura política, por direitos civis e ampliação dos direitos sociais que o termo Quilombo ganhou visibilidade e novo significado (Guedes & Salgado, 2018). Com a promulgação da constituição federal de 1988 no Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) o termo Quilombo apareceu como remanescente de quilombo. Desse modo, nas primeiras décadas do século XXI, o Estado brasileiro vem assegurando alguns direitos reivindicados pelos movimentos sociais como, por exemplo, a concessão do título de propriedade coletivas de terra para algumas comunidades remanescentes de quilombo existentes nos diferentes territórios brasileiro (Gomes, 2015).

Nesse sentido, o significado contemporâneo de Quilombo é fruto das redefinições e necessidade, principalmente de legalização das terras, do território e da territorialidade de muitos grupos étnicos e racializados existentes na sociedade brasileira (Amaral, 2010).

Durante a luta dos movimentos sociais por direitos políticos, sociais e civis sugeriram uma variedade de conceitos e termos relacionados ao Quilombo, assim, em cada região a palavra Quilombo é denominada de maneira distinta como, por exemplo, mocambo, quilombo contemporâneo, quilombo moderno, comunidade negra, comunidade rural negra, terra de preto, terra de santo entre outras (Almeida, 2011). Embora exista uma diversidade de elementos e denominações que caracterizam cada Quilombo como único, observa-se que existem elementos semelhantes entre eles como etnicidade, território, mobilização política, liberdade e trabalho (Amaral, 2010).

Os Quilombos contemporâneos ou terra de preto como são denominados em várias regiões brasileiras, não são um recorte dos quilombos do período colonial ou imperial nem mesmo da África, visto que no Brasil não foram comunidades isoladas, mais sim locais de produção autônoma com capacidades de comércio, consumo, reprodução e moradia livre da ingerência de um senhor (Gomes, 2015). Nessa perspectiva, suas características econômicas, políticas, sociais e culturais acabaram sendo reflexo da sociedade brasileira.

Embora os Quilombos contemporâneos tenham sofrido influências da cultura europeia, observa-se que em seu cotidiano existe vários elementos da cultura africana, como por exemplo, a maneira como utilizam os recursos naturais, o modo de vida e os saberes tradicionais que são transmitidos de geração à geração através da oralidade.

3.2 Histórico de Santa Rita de Barreira

Nas últimas décadas do século XX e nas primeiras do século XXI várias pesquisas apontaram a existência de comunidades quilombolas localizadas no estado do Pará (Acevedo & Castro, 1993; Amaral, 2010, Almeida, 2011; Guedes, 2018). No nordeste paraense, especificamente no município de São Miguel do Guamá existem várias comunidades quilombolas, entre elas estão: Canta Galo, Menino Jesus do Pueirinha, Nossa Senhora de Fátima do Crauateua, Santa Rita de Barreira e São Luís. Porém, a maioria delas não possui visibilidade nem mesmo no município que estão localizadas, pois muitas pessoas desconhecem o significado e as características das comunidades quilombolas.

Diante do contexto de resistência, invisibilidade e luta para assegurar suas terras e seu território que o Quilombo de Santa Rita de Barreira está inserido. O mesmo encontra-se

localizada no município de São Miguel do Guamá, e foi reconhecido, pelo Estado brasileiro enquanto quilombo no dia 22 de setembro de 2002 (Guedes, 2018). O título de reconhecimento foi concedido pelo Instituto de Terra do Pará (ITERPA) a Associação dos(as) Moradores(as) da comunidade. A titulação dessas terras seguiu os procedimentos da Lei 6.165, de 02 de dezembro de 1998, que rege sobre a legitimação de terras dos remanescentes das comunidades quilombolas, e do Decreto Estadual 3.572/99 que define as atribuições do ITERPA no processo de legitimação de terras dos remanescentes de quilombo (Diniz, 2011). O Quilombo possui uma área total de 371 ha, perímetro de 18.379,51m², atualmente vivem no território quilombola 80 famílias.

A história de Santa Rita de Barreira ora enquanto comunidade e ora como espaço remanescente de quilombo só é possível de ser contada a partir da memória das pessoas mais velhas que ali vivem, visto que esses povos não possuem registro escrito dos acontecimentos que ocorreram ao longo dos séculos. Segundo os(as) moradores(as) mais antigos do quilombo a formação do território quilombola ocorreu próximo ao rio Guamá, durante o período de escravidão no Brasil. O local onde se formou o Quilombo era chamado de Barreira Antiga, e no final do século XX ainda existia algumas ruínas, dentre elas uma Casa-Grande e cabanas, estas últimas podem ter sido moradia de povos indígenas e negros africanos.

Segundo seu Raimundo Santana Gomes (87 anos), morador do Quilombo os povos de Santa Rita de Barreira viveram na Barreira Antiga até a década de 1967 quando foram obrigados a deixar o local devido conflitos com fazendeiros que compraram algumas terras vizinhas. Ao se deslocarem das terras próximas do rio tiveram que encontrar outro local para construir sua igreja e suas casas, porém o processo de deslocamento, ocasionou a diminuição do território, pois parte das terras foi perdida durante o conflito. O distanciamento das margens do rio Guamá representou uma nova organização espacial, mudanças na composição familiar e no modo de vida, haja vista que os(as) moradores(as) tiveram que se adaptar a um território menor e principalmente não tiveram mais acesso aos recursos naturais.

O deslocamento das famílias exigiu algumas estratégias de mobilização, organização e representação social para garantir a permanência no território. Sendo assim, a própria formação da “Associação de remanescente de quilombo” pelos(as) moradores(as) passou a funcionar como uma espécie de resistência sustentadas pelo elemento de etnicidade e unidade política. Resultados semelhantes a presente pesquisa foram mostrados por Yabeta & Gomes (2013), sobre a luta e estratégias dos povos da comunidade de ilhéus da Marambaia, no Rio de Janeiro, pelo reconhecimento e titulação de suas terras.

A maioria dos povos remanescentes de quilombo preserva suas histórias através da memória, que geralmente é transmitida de geração, em alguns locais, a exemplo do quilombo do Saramacas em Suriname, a memória também é preservada através de textos que narram as façanhas dos heróis fundadores (Carvalho, 1995).

Os habitantes de Santa Rita de Barreira, diferentes dos demais povos quilombolas, não possuem uma memória histórica precisa de sua origem étnica, das fugas, perseguições, dos deslocamentos territoriais e de todo o processo que deu origem ao quilombo, pois o processo de colonização europeia se deu de forma muito violenta e conseqüentemente negou parte da história daquele povo. Porém, muitas de suas histórias e de sua cultura, em especial de matriz africana, foi preservada na memória das pessoas mais velhas, a exemplo, o gênero musical “samba de roda” que na contemporaneidade está presente no cotidiano do quilombo. As letras do samba de roda são simples e geralmente relacionadas ao seu cotidiano como se o se observa abaixo:

*Arriba ciragador
Oh! Cajueiro, cajuá
Arriba ciragado
Vamos ver nossa Iaiá
Cajueiro piquinino carregadinho de flor
Eu também sou piquinino,
mas carregadinha de amor.
Arriba ciragador
Oh! Cajueiro, cajuá
Arriba ciragador
Vamos ver nossa Iaiá.
(autor/autora anônimo/a)*

Essa letra é referente à um samba que faz parte do repertório musical do Quilombo, ela se caracteriza entre as músicas ensinadas pelos mais velhos às crianças e aos jovens, elas são cantadas e dançadas pelos membros do quilombo. Logo, é perceptível que mesmo após séculos existem muitos elementos da cultura africana em Santa Rita de Barreira, a exemplo o samba de roda, o carimbó e a capoeira que se tornaram símbolos de identidade e etnicidade do quilombo.

3.3. Aspectos socioeconômico do Quilombo

Os diversos grupos existentes na Amazônia, entre eles os quilombolas, diante da necessidade e adversidade foram obrigados a inventar e reinventar formas de lidar com as condições impostas para conseguir sua sobrevivência. Nessa perspectiva, não podemos buscar nesses grupos características homogêneas, visto que cada um se desenvolveu de acordo com o contexto que lhe fora imposto.

A população do Quilombo de Santa Rita de Barreira, assim como de muitos quilombos da Amazônia Legal praticam agricultura originadas das roças. De acordo com os(as) moradores(as) locais no Quilombo é cultivado mandioca, macaxeira, maxixe, milho, feijão, quiabo e melancia para o consumo doméstico e, o excedente é vendido no próprio quilombo ou nas feiras da cidade de São Miguel do Guamá, aqueles produtos são cultivados em períodos diferentes durante o ano.

Segundo as pessoas mais velhas do Quilombo, a mandioca é a base da economia das famílias, ela é a matéria prima para produção de farinha de tapioca, farinha d'água e goma para o preparo de tapioca (beiju). O processo de preparação da terra, plantio, colheita e preparo da farinha é dividido em diversas etapas e envolvem todos os membros da família em trabalhos específicos individuais e coletivos (Guedes, 2018).

A família tem a função de definir todas as tarefas relacionadas as atividades agrícolas, de pesca e de extrativismo para cada membro do grupo, bem como os períodos de cada atividade. Além de ser a guardiã dos valores culturais que muitas vezes auxiliam no modo de produção. De acordo com Gomes (2015) os povos quilombolas produziram histórias complexas de ocupação agrária, criaram seus territórios, territorialidades, cultura material e imaterial próprias baseada no manejo coletivo dos recursos existentes em seus territórios.

A pesquisa revelou que a escolha dos locais das casas é por laços de parentescos, assim pais/mães, avós, filhos(as) e netos(as) moram todos(as) próximos(as), em algumas casas vivem mais de uma família, o que evidencia que nos lares há uma convivência coletiva de várias gerações. Resultados semelhantes ao presente estudo foram relatados por Arêda-Oshai (2017), em Salvaterra, nele a autora mostra que em algumas residências de famílias quilombolas desse município vivem várias gerações de forma harmoniosa, pois há um número pequeno de casas para a quantidade de famílias e, os locais das residências são escolhidos por laços de afetividade, assim existe um subnúcleo familiar, o qual tende a reforçar a rede de proteção social.

Em Santa Rita de Barreira, assim como na maioria dos quilombos a família é base de sustentação do grupo social. Assim, o preparo e cultivo das roças, os animais de carga, a seleção e corte da lenha continua a ser praticado conforme o conhecimento oriundo da tradição familiar, ou seja, a forma de cuidar das roças é a mesma de seus ancestrais, isso inclui a broca, derrubada da mata, queima, coivara, planta, capina e colheita (Guedes, 2018). O saber constituído da população remanescente de quilombo vai além do saber adquirido na sala de aula, muitos conhecimentos são passados de geração a geração principalmente aqueles relacionados ao uso e manejo dos recursos naturais e as tradições (Amaral, 2010).

O presidente da associação do Quilombo relatou que a renda da maioria das pessoas que ali residem é inferior a um salário mínimo, e assim precisam de várias estratégias para assegurar sua subsistência, entre elas destaca-se o extrativismo de recursos naturais como açaí, tucumã, pupunha e peixes. Além, de lutarem por políticas públicas como bolsa família, aposentadoria, entre outras para conseguirem seu sustento e de seus familiares.

Os povos de Santa Rita de Barreiras desenvolveram suas atividades econômicas em diferentes ambientes como: na terra firme, na várzea e no rio Guamá. Cada um desses ambientes exige das pessoas que utilizam esses locais o conhecimento específico da região e as técnicas apropriadas para assegurar o extrativismo e o manejo dos recursos naturais (Diniz, 2011). Dessa forma, o conhecimento adquirido ao longo dos anos e todos os espaços do território são fundamentais para sua subsistência e para assegurar seu modo de vida.

Segundo dona Socorro (38 anos), moradora da comunidade quilombola, o artesanato vem se tornando uma atividade importante para as famílias e se configura como uma possibilidade para revelar outras oportunidades relacionadas ao aproveitamento de recursos naturais do território, ao mesmo tempo que gera renda, uma vez que os artesanatos produzidos pelas mulheres do Quilombo são vendidos em eventos que elas participam ou nas feiras na sede do município.

Nas áreas de várzea existem também a criação de porcos além de, alguns pequenos igarapés que deságuam no rio Guamá onde se pratica a pesca com linha e anzol. Estes espaços são de uso comum para a pesca, à retirada de madeiras, colocação de armadilhas para capturar animais, e ainda se utiliza a coleta de frutos, sementes, ouriços, palhas e demais vegetais. Cabe ressaltar que, essas atividades são reguladas pelas famílias no que se refere ao período de execução, bem como há uma preocupação com a conservação da biodiversidade.

Durante o momento em que a população de Santa Rita de Barreira lutava pela legalização de suas terras e pelo reconhecimento, enquanto Quilombo, houve a necessidade de se organizar em associação, tendo um dos moradores como presidente da mesma, isto é, a

associação se tornou uma unidade política de mobilização. Ao passo que, foi e continua sendo uma forma de organização política para lutar por direitos, políticas públicas para todas as pessoas que vivem no Quilombo, bem como para assegurar sua subsistência e conservar o meio ambiente.

Os elementos culturais em especial o samba de roda, o carimbó, as danças, as defumações, a maneira como desenvolvem a agricultura, a pesca e o extrativismo de sementes ainda frequentes na comunidade, demonstram a resistência e a permanência de elementos de matriz africana, bem como a etnicidade presente em Santa Rita de Barreira. A conservação de elementos de matriz africano no cotidiano do Quilombo é uma estratégia de autonomia e resistência para garantir seu território e as relações sociais e políticas da nova configuração territorial.

4. Considerações Finais

Em São Miguel do Guamá a geografia dos remanescentes de quilombo e das comunidades tradicionais se apresenta de forma fragmentada. Não existe região reconhecida como lugar de quilombo. As diversas comunidades quilombolas estão espalhadas por vários territórios daquele município, e não possuem uma visibilidade dentro da sociedade guamaense muito menos é lhes dada a importância, enquanto, movimento de resistência ao sistema escravocrata, e luta por direitos e cidadania.

O Quilombo de Santa Rita de Barreira através de muita luta, mobilização e organização social e política conseguiu conquistar o reconhecimento do Estado brasileiro enquanto remanescente de quilombo, bem como a legalização e titulação de suas terras. Além da legitimação de seus costumes e tradições que o especificam como uma comunidade quilombola.

A história do referido Quilombo é marcada por conflitos contra fazendeiros, resistências e lutas para assegurar sua subsistência e conservar seu modo de vida quilombola. Nessas lutas acabaram perdendo parte de suas terras e de sua territorialidade, e tiveram que se reorganizar em outro espaço e se adaptar a um território menor e com menos recursos naturais.

O Quilombo, acima citado, mesmo diante da permanência e manutenção de valores culturais e econômicos autônomos, além da conquista territorial alcançada, observa-se que a gestão do município no qual está inserido ainda não intervém de maneira efetiva de modo a corroborar na construção de políticas públicas de saúde, educação, saneamento, entre outras

para a comunidade. Nessa perspectiva, este estudo reforça, a necessidade da sociedade de modo geral estar ciente sobre a real concepção de Quilombo e o seu papel na construção social, pois só assim garantiremos a equidade étnicoracial das populações que compõem o município guamaense e quiçá de toda a população que integra o território nacional.

Referências

Acevedo, R., & Castro, E. (1993). *Negros dos Trombetas: guardiões de matas e rios*: Belém: NAEA/UFPA.

Almeida, A. W. B. (2011). *Os quilombos e as novas etnias*. In: Quilombos no Brasil. Manaus: UEA.

Almeida, R. R., & Nunes, F. A. (2018). *Escravidão, resistência, fuga e a formação de quilombos/mocambos em Ourém do Grão Pará (Finais do século XVII a 1830)*. In: Nova Revista Amazônica, v. 1, pp. 179-196.

Amaral, A. J. P. (2010). *Artesanato Quilombo: identidade e enticidade na Amazônia*. In: Cadernos do CEOM. Etnicidade. Chapecó-AS: Argos.

Arêda-Oshai, C. M. (2017). *“Não é só médico que cura, não é só a Medicina que cura”*: perspectivas sobre saúde entre Coletivos Quilombolas no Marajó-Pará/Brasil. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, 2017.

Arruti, J. M. (2007). *Terras de Quilombo: identidade étnica e os caminhos do reconhecimento*. Tomo, São Cristovão-SE, n.11.

Carvalho, J. J. (1995). *O quilombo dos Rios das Rãs: história, tradição, lutas*. Salvador: UFBA, 1995.

Cordovil, G. V. (2010). *Polo Cerâmico e dinâmica territorial do desenvolvimento em São Miguel do Guamá-Pará*. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Pará, Belém.

Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed.

Diniz, R. E. S. (2011). *Territorialidade e uso comum entre os quilombolas de Santa Rita da Barreira em contradição com “políticas de etnodesenvolvimento”*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido), Universidade Federal do Pará.

Fiamengue, E. C., & Whitaker, D. C. A. (2014). Os desafios da emergência no Brasil de um rural “esquecido”: as comunidades quilombolas. *Retratos de Assentamentos*, 17(1).

Florentino, M., & Amantino, M. (2012). Uma morfologia dos quilombos nas Américas, séculos XVI-XIX. In: *História, Ciências, Saúde*. Rio de Janeiro, v.19, p.259.

Gaskell, G. (2008). *Entrevistas individuais e grupais*. In: Bauer, M. W.; Gaskell, G. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes.

Gomes, F. S. (2015). *Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil*. São Paulo: Ed. Claro Enigma.

Guedes, A. C. B. (2018). *Mulheres quilombolas e uso de plantas medicinais: práticas de cura em Santa Rita de Barreira/PA*. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Universidade Federal do Pará.

Guedes, A. C. B., & Salgado, M. S. (2018). *A comunidade quilombola Laranjituba/ África: breves considerações sobre história, memória e desenvolvimento*. Paper do NAEA.

Matos, W. S., & Eugenio, B. G. (2018). Comunidades quilombolas: elementos conceituais para sua compreensão. *Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais*, 11(2): 141-153.

Miranda, S. A. (2015). Dilemas do reconhecimento: a escola quilombola “que vi de perto”. *Revista da ABPN*, 8(18): 68-89.

Moraes, G. R. (2017). *A pesquisa quali/quantitativa em geografia: múltiplos métodos para o caso de Timor-Leste*. In: Pessôa, Vera Lúcia Salazar et al. (Orgs). *Pesquisa qualitativa: aplicações em Geografia*. Porto Alegre: Imprensa Livre.

Moura, C. (2014). *Rebeliões da senzala: quilombos, ressurreições, guerrilhas*. São Paulo: Anita Garibaldi.

Yabeta, D., & Gomes, F. (2013). Memória, cidadania e direitos de comunidades remanescentes (em torno de um documento da história dos quilombolas da Marambaia). *Afro-Ásia*, (47): 79-117.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Ana Célia Barbosa Guedes – 80%

Fabricio Nilo Lima da Silva – 20%